

A HISTÓRIA DE SARANDI-PR A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE VIDA DE MULHERES QUE VIVEM NA CIDADE E QUE TEM SUA TRAJETÓRIA MARCADA POR VIOLÊNCIAS DE GÊNERO (1980-2019)

Thais Andrade de Assis (PIIC/UEM), Vanda Fortuna Serafim (Orientadora),
e-mail: ra106989@uem.br
Universidade Estadual de Maringá/Centro de Ciências Humanas/Maringá,
PR.

Área e subárea do conhecimento conforme tabela do [CNPq/CAPES](#)
70000000 CIÊNCIAS HUMANAS
70500002 HISTÓRIA

Palavras-chave: Mulheres; Gênero; Violência.

Resumo: A pesquisa objetivou estudar a história de Sarandi-PR a partir da trajetória de vida de mulheres que vivem na cidade que tem sua trajetória marcada por violências de gênero, visando estabelecer uma relação de análise micro/macro da história local, com o intuito de compreender a interpretação das moradoras sobre a região e a situação em que vivem. Sabemos que cidades que vivem em situação de periferia, como Sarandi, são mais expostas aos mais diversos tipos de violência. Para isso, as fontes que aqui utilizaremos para tal pesquisa, são três mulheres periféricas, entre elas uma mulher negra, uma transsexual e uma dona de bar. A pesquisa partiu da história oral e o recorte histórico é Sarandi-Paraná, de 1980 até a atualidade.

Introdução

Para a realização da pesquisa em Sarandi, inicialmente foi levantado uma discussão acerca do termo *gênero*, suas problemáticas sociais e dentro da história. A marcação social do gênero dentro das vivências nas trajetórias das participantes, possibilita a interpretação de suas narrativas, já que a partir da compreensão do termo *gênero*, podemos compreender diversas relações de poder que a rodeiam, como por exemplo relações étnico-raciais, direitos trabalhistas, direitos humanos, etc. (TILLY,1994).

Dentro da historiografia, pesquisas realizadas nos últimos trinta anos compõem temas de movimentos sociais, vida familiar, casamento e prostituição, dão protagonismos as personagens femininas (IZILDA,2013) e acrescenta uma constante busca por metodologias que consigam abranger o campo vasto de estudo sobre mulheres.

Materiais e métodos

Devido ao descaso e a falta de documentos históricos referente a cidade de Sarandi, e principalmente, aos estudos referentes às mulheres da cidade, a história-oral foi escolhida por abranger os aportes teóricos e metodológicos de suporte para a realização da pesquisa. A história-oral nos permite o registro de testemunhos e acessos a “histórias dentro da história” e, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação do passado (ALBERTI,

2008). As indicações de roteiro de Verena Alberti (2008) ajudaram na construção das entrevistas para as participantes, com perguntas que nos aprofundassem um pouco mais nas histórias de vida dessas mulheres.

Resultados e Discussão

As discussões sobre gênero, movimentos feministas, história das mulheres e história oral, acrescentada pela coleta das entrevistas dessas três mulheres de diferentes realidades, mas transpassadas por sua situação periférica, proporciona um grande debate acerca dessas condições historicamente impostas às mulheres. As entrevistas proporcionam discussões acerca de diversos fatores que atravessam o cotidiano dessas mulheres. A análise da entrevista das participantes, foi possível através das teorias propostas pelas feministas negras e mulheres travestis, que trazem questões da realidade cotidiana vivenciada por essas mulheres, muitas vezes ignoradas, e na história tradicional, nunca contadas, já que os espaços de narrativa dessa historiografia tradicional, historicamente foram negadas a elas (COLLINS, 1981). Violências vivenciadas pelas participantes, foram exploradas no decorrer das entrevistas, sendo algumas citadas espontaneamente e outras com certo nível de hesitação. Devido a um tema que traz certo incômodo, prezei pela sensibilidade nas horas das entrevistas, respeitando a vontade das participantes de falar ou não sobre determinadas experiências, como proposto nas indicações de Verena Alberti (2008). Lembrando que trajetórias de vida podem ser descritas como um conjunto de eventos que fundamentam a vida de uma pessoa e normalmente é determinada pela frequência dos acontecimentos, pela duração e localização dessas existências ao longo de uma vida (BORN, 2001), as histórias dessas mulheres não podem ser analisadas somente pelos seus relatos. Para a sua historicização, além dos aportes teóricos, foi-se em busca de dados quantitativos sobre violência de gênero na cidade de Sarandi, pois na análise de trajetória de vida, a combinação de dados qualitativos das entrevistas e de dados quantitativos, nos proporciona uma melhor análise dessas trajetórias (BORN, 2001).

A identificação de certos padrões nas histórias de vida das participantes se deu graças a metodologia proposta de interseccionalidade, de se analisar essas avenidas identitárias (AKOTIRENE, 2018) pelo viés em comum que as unem, mulheres que não se conhecem, mas que viveram extremos em determinados momentos de suas vidas, que tiveram que lidar com a vida sem saber se aquele era mesmo o momento de vivenciar aquela experiência. Essas experiências em comuns é o que nos faz identificar a matriz de violência que existe e que rodeia nossos corpos, mas como as participantes seguem vivendo o melhor de suas vidas.

Sabemos que cidades que vivem em situação de periferia, como Sarandi, são mais expostas aos mais diversos tipos de violência. Aqui decidimos fazer um recorte para as mulheres periféricas que vivem na cidade. Para isso, as fontes que aqui utilizaremos para tal pesquisa, são: Participante A: mulher cis e periférica, moradora de Sarandi há 44 anos, ou seja, já estava no município em seu período de emancipação, atualmente proprietária de um “boteco” na região. Participante B: mulher negra, cis e periférica,

moradora de Sarandi há 24 anos, vive desde sua chegada em uma casa que, antigamente, servia de estação ferroviária e que poderia ser patrimônio público da cidade, mas que, porém, como estava abandonada e não tinha onde morar, ocupou o terreno e já ganhou duas vezes na justiça o processo por usucapião nesse terreno. Participante C: mulher transsexual, branca e periférica, vive atualmente na cidade de Sarandi e possui um abrigo que acolhe a população LGBT em situação de necessidades.

Conclusões

A pesquisa pautou-se principalmente na construção de fontes orais por meio das entrevistas e transcrições neste primeiro momento. A história de Sarandi ainda está atrelada ao pioneiro homem, branco, hétero e de classe social elevada, tornando relevantes pesquisas que priorizem outros locais de produção de discursos. O que há em comum entre essas mulheres entrevistadas? A vida de três mulheres do interior do Paraná sempre foi caracterizada pelo trabalho, no caso das participantes A e C, o trabalho rural com os pais e a ajuda no ambiente doméstico. A infância da participante B em Sarandi, e da participante C em outra cidade do interior, respectivamente foram marcadas pela pobreza, violência, e trabalho infantil. O fato da morte de um de seus pais por ambas, provocaram a responsabilidade precoce de administração do lar, fenômeno que atravessa similarmente suas sociabilidades. A violência sofrida na infância é uma memória que incomoda profundamente todas as participantes, cada uma na sua particularidade experienciada, que fez com que buscassem maneiras de sair dessas situações. O assédio sexual também foi presente na infância das participantes B e C, que ou tiveram a experiência de quase serem vendidas para fazendeiros donos de terra, ou foram assediadas pelos homens da casa em que trabalhavam como doméstica. Os estudos e a escola nunca foram prioridade para essas mulheres, sendo a preocupação com os irmãos e o sustento da família, a única prioridade das mulheres pobres, já que elas não escolheram suas prioridades. As participantes B e C também têm em comum o casamento precoce, casamento este que elas viam como maneira de se conseguir uma vida melhor. Devido às particularidades das participantes, vivências e violências são experimentadas de maneiras diferentes. A participante A, mulher trans de 34 anos, descobriu sua transexualidade já na sua vida adulta e teve sua infância vivida em uma sociabilidade masculinizada, sofrendo homofobia e bullying pela família e no ambiente escolar, vivendo uma solidão causada pela incompreensão de sua identidade de gênero. Encontrar estudos acadêmicos que tratam de transexualidade não é uma tarefa fácil, já que mulheres trans são majoritariamente marginalizadas ao ponto de não se encontrarem nesses espaços e os estudos sobre o assunto começam a aparecer apenas no início do século XXI, onde pessoas trans começam a se organizar a partir das redes sociais e da internet.

Além disso, um dos filhos da participante B, foi uma mulher transsexual que trabalhava como garota de programa, já que os espaços de empregos formais eram negados a ela, e residia em Sarandi, ajudava em casa e era a

filha mais próxima da mãe, que infelizmente teve sua vida ceifada enquanto trabalhava na noite. No caso das participantes B e C, os filhos após o casamento são vistos como uma responsabilidade a mais que elas tiveram que arcar perante as situações da vida, trabalhando, responsáveis pelo sustento da casa e agora, das crianças. A criação dos filhos em uma cidade que não possuía recursos e instituições públicas, mostra a realidade de muitas das mães que precisavam se deslocar de Sarandi para Maringá atrás de serviços básicos de saúde. A participante B, que na infância precisou de assistência médica, sobreviveu à base de remédios caseiros e conta que em Sarandi, havia somente uma farmácia e o farmacêutico que ajudava a população.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer profundamente à minha orientadora Vanda, por ter me proporcionado essa oportunidade incrível de pesquisa, os aprendizados, pela paciência e pelo carinho que tem por mim. Agradeço imensamente a uma pessoa muito importante que esteve comigo nesse processo, Ju Bernadelli, obrigada por todo apoio e por ter acreditado em mim nos momentos mais difíceis. Agradeço principalmente as mulheres que aceitaram participar e realizar as entrevistas, de terem confiado em mim suas histórias de vida. São mulheres inspiradoras que fizeram isso acontecer.

Referências

- ALBERTI, Verena. **Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2005.
- AKOTIRENE, Carla. Interseccionalidade. Coleção Feminismos Plurais. Selo Sueli Carneiro. Editora Pólen. São Paulo. 2019.
- BORN, Cláudia. **Gênero, trajetória de vida e biografia: desafios metodológicos e resultados empíricos**. In: Sociologias, Porto Alegre, ano 3, nº 5, jan/jun 2001, p.240-265.
- COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª edição. São Paulo: Boitempo Editorial, 2019.
- IZILDA, Maria S. M. **História das Mulheres e das relações de gênero: campo historiográfico, trajetórias e perspectivas** Rev. Mandrágora, v.19. n. 19, 2013, p.5-15, [online]disponível em DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/2176-0985/mandragora.v19n19p5-15>
- TILLY, Louise A. **Gênero, história das mulheres e história social**. Cadernos. Pagu (3). 1994, p. 29-62.